CHARLES W. CHESNUTT, *THE CONJURE WOMAN* E RELIGIOSIDADE POPULAR AFRODESCENDENTE NOS ESTADOS UNIDOS DO SÉCULO 19

José de Paiva dos Santos[1]

RESUMO: Este trabalho examina a representação de conjuradores em *The Conjure Woman* (1899), coletânea de contos do autor afroestadunidense Charles W. Chesnutt. Através da análise de três contos representativos – "Mars Jeems's Nightmare", "Sis' Becky's Pickanini" and "The goophered grapevine" – demonstra que as intervenções por parte dos conjuradores constituem-se, acima de tudo, exercícios de resistência política e cultural, cujo objetivo é impedir a reificação e aniquilamento da subjetividade negro. Tais estratégias visam também interrogar representações reducionistas do sujeito afrodescendente ao prover uma representação mais complexa da experiência negra nos EUA. Através de *insights* da crítica cultural e literária, bem como dos estudos da religião, este trabalho mostra o engajamento da obra em combater tendências oitocentistas que insistiam em retratar os negros ora como seres subservientes e contentes, ora como indivíduos destituídos de cultura, religião, história.

PALAVRAS-CHAVE: Conjuramento. Religião. Afrodescendência. Estados Unidos.

INTRODUÇÃO

Nenhuma nação no Novo mundo talvez tenha sofrido tanto a influência do cânone judaico-cristão e do protestantismo em sua formação cultural e sociopolítica como os Estados Unidos da América. Se na América do Sul e Central, os primeiros exploradores vieram com o intuito de melhor proveito comercial tirar dela, na América do Norte, peregrinos e puritanos, como foram denominados os primeiros colonizadores daquela parte do continente, pretendiam ali se estabelecer para fundar uma colônia permanente. Tendo deixado a Europa principalmente por motivos religiosos (foi o caso dos Puritanos), viam no Novo Mundo a oportunidade de um novo recomeço, tanto no sentido político quanto espiritual. Já que viam o velho mundo como um conjunto de nações corrompidas pelo secularismo, a América do Norte passou a representar uma espécie de Éden pré-lapsiano, berço de uma nova civilização longe das influências corruptas que contaminavam as sociedades europeias (LEWIS, 1955, p. 5). O intenso uso de tipologia bíblica, ou seja, o ato de ligar tipos ou figuras bíblicas a eventos, lugares e pessoas em tempos pós-bíblicos tornou-se um discurso comum entre os que embarcaram em direção à América do Norte (SMITH, 1994, p. 55).[2] Desta forma, a travessia

[1] Professor de Literaturas de Língua Inglesa da Faculdade de Letras e Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.

[2] Todas as traduções do inglês para o português são de minha autoria.

Revista Língua & Literatura	FW	v. 16	n. 26	p. 107-126	Recebido em: 24 mar. 2014. Aprovado em: 29 jul. 2014.

pelo Atlântico tornou-se a versão moderna da travessia conduzida por Moisés pelo mar Vermelho nos tempos bíblicos; a perseguição aos dissidentes da igreja anglicana tornou-se uma réplica da perseguição aos hebreus no Egito, e assim por diante.

Os negros que começaram a aportar nos Estados Unidos algumas décadas após a chegada dos colonizadores europeus não passaram incólumes pela influência do protestantismo e, principalmente, aos preceitos do cânone bíblico. Conforme observa Allen D. Callahan, apesar do ambiente segregacionista no qual os escravos estavam inseridos, o cristianismo evangélico conseguiu juntar negros e brancos sob um mesmo ideal de salvação e redenção através da "autoridade incontestável da Bíblia e experiência direta de Deus" (2006, p. 3).[3] Apesar de alguns africanos já terem vindo cristianizados de suas regiões de origem, a maioria foi apresentada ao protestantismo e à Bíblia durante o período conhecido como o Grande Avivamento, nome dado à cruzada evangelista que movimentou o país em meados do século dezoito e primeira metade do século dezenove. O protestantismo tal qual exposto pela maioria dos pregadores itinerantes afirmava que todos tinham acesso à graça divina, fator que naturalmente atrairia uma população excluída e marginalizada como os negros escravos.

Contudo, mesmo com o forte assédio missionário por parte do protestantismo evangélico, grande parte da população negra não se entusiasmou com a nova fé. Uma das razões era o fato de que apesar do discurso igualitário pregado nos púlpitos, no dia a dia o segregacionismo permanecia. Isto é, os preceitos teológicos de um Deus que não fazia distinção de cor não conseguiam eliminar práticas do cotidiano que institucionalizavam o racismo como instrumento de dominação (BROOKS, 2003, p. 31). Estas ambivalências em relação à raça contribuíram fortemente para que muitos permanecessem fiéis às tradições de suas culturas de origem, que de muitas formas "competiam e frequentemente excediam o apelo do Cristianismo" em muitas comunidades afrodescendentes (BRUCE, 2001, p. 10).[4] Assim, para enfrentar o assédio e a imposição de uma religião que reprimia suas expressões culturais nativas, a comunidade negra se viu obrigada a criar estratégias de sobrevivência utilizando-se de uma gama variada de recursos subversivos. Uma delas foi a prática de dar contornos próprios a figuras e elementos da religião cristã através da apropriação e subversão política dos mesmos. Segundo afirma Callaham, "os personagens e eventos da Bíblia se transformaram em equivalentes funcionais dos ancestrais anteriormente celebrados na África Ocidental". Neste sincretismo religioso, reitera o crítico, "[o]s muitos ancestrais e espíritos

[3] "…the paramount authority of the Bible and direct personal experience of God."
[4] "...competed with and often exceeded any appeal Christianity might have…."

naturais foram incorporados na figura do Espírito Santo, e os atos poderosos de Deus suplantaram histórias de valor marcial" (2006, p. xii).[5] Em forma de sermões, cantos e *spirituals*, os escravos se apropriaram livremente das histórias do povo de Israel bem como dos ensinamentos neotestamentários, adaptando-os ao seu cotidiano e necessidades.

Outra prática que igualmente se destacou nas comunidades negras foi a valorização da figura do conjurador ou conjuradora. Se o cristianismo tinha o aval do poder vigente e por isso conseguia alcançar um grande número de escravos, o conjuramento resistia a estas incursões e se mantinha como um forte rival à religião dominante. Conforme reitera Albert Raboteau, depois do cristianismo, "a segunda força religiosa nas senzalas não era o catolicismo [ou protestantismo], mas o conjuramento, o qual prevalecia por todas as regiões do sul [estadunidense] e na maioria das fazendas, católicas ou protestantes" (2004, p. 275).[6] O conjuramento, trazido pelos escravos à América do Norte, consistia no ato de invocar espíritos de ancestrais assim como usar os supostos poderes sobrenaturais de amuletos, plantas, raízes e objetos sagrados (MOSLEY, 1995, p. 89). Também assumiam a função de curandeiros ou curandeiras ("witch-doctors"), tratando todo tipo de moléstias através do uso de substâncias, ervas, raízes, pós e materiais afins. Desta forma, a prática de conjurar envolvia não só encantamentos, mas também a "tradição da cura" por meio do "uso mimético de substâncias tóxicas e medicinais" (SMITH, 1994, p. 31).[7] Operando às margens do protestantismo evangélico, o conjurador desafiava e subvertia códigos culturais, bem como a ideologia político-religiosa ao manter no seio da comunidade negra traços e elos com suas crenças de origem.

A literatura negra afroestadunidense, tanto do período ante como pós-bellum (1865), faz menção a confluências subversivas entre a cosmologia cristã e africana, acentuando em vários casos a figura intrigante do conjurador. Porém, foi só no final do século dezenove, que um tratamento temático mais visível foi dado a este elemento da cultura negra Afro-Estadunidense. Um exemplo interessante é *The Conjure Woman* (1899), de Charles W. Chesnutt. Nesta coletânea, o autor reúne vários contos que tematizam elementos da cultura oral negra, com destaque à figura do conjurador como elemento intermediador em conflitos espirituais e seculares nas comunidades negras. Além disso, os contos mostram a figura do

[5] "The characters and events of the Bible became the functional equivalent of the ancestors and heroes long celebrated in West Africa."; "The many ancestral and natural spirits were subsumed in the Holy Spirit, and the mighty acts of God supplanted ancient tales of martial valor."

[6] "The strongest other religious force in the quarters was not Catholicism but conjure, which was pervasive throughout all regions of the South and influential on most plantations, whether Catholic or Protestant."

[7] "traditon of healing"; "mimetic use of medicinal and toxic substances".

conjurador como uma pessoa respeitada, temida e requisitada até mesmo pelos donos de escravos em algumas ocasiões.

A crítica mais recente tem destacado a importância de Chesnutt e *The Conjure Woman* no cenário cultural Afroestadunidense em final do século dezenove por retratar positivamente a figura do conjurador e espiritualidades de origem africana, especialmente como ferramentas de combate à hegemonia cultural branca. David H. Brown argumenta que embora muitos críticos subestimem a importância do conjuramento como ferramenta de resistência cultural, os conjuradores na verdade desempenharam um papel fundamental por oferecer "orientação moral, crescimento cultural e eficiente poder instrumental no combate à opressão durante a escravidão" (1990, p. 5).[8] Em *The Conjure Woman*, reforça Brown, Chesnutt demonstra esta visão ao apontar "o discurso de matriz africana [conjuramento], e não o Cristianismo, como o 'instrumento' de crítica às injustiças da instituição [...] e à injustiça racial no período negro da pós-Reconstrução" (1990, p. 38).[9] De forma semelhante, Jeffrey E. Anderson observa que os contos de Chesnsutt vão na contramão da visão oitocentista que classificava o conjuramento como "barbarismo negro"; Chesnutt retrata o conjuramento como instrumento "com o qual podiam lutar contra as injustiças da classe dominante" (2005, p. 9).[10] Kameela Martin Samuel segue esta mesma linha de raciocínio argumentando que as narrativas de Chesnutt "oferecem uma perspectiva culturalmente específica do conjurador como herói folclórico que vai além de caracterizações superficiais tais como bufões, charlatães e curandeiros supersticiosos" (2010, p. 22).[11] Segundo Samuel, Chesnutt substitui caracterizações dos conjuradores como indivíduos ingênuos, ineptos ou manipuladores, por representações nas quais são capazes de decodificar, interpretar e manipular signos da cultura dominante. Samuel vai mais adiante e coloca a obra de Chesnutt como precursora do gênero contemporâneo por ela denominado de "neo-conjure tales", qual seja, narrativas que surgiram a partir da segunda metade do século vinte (e.g. *Mamma Day* [1988], de Gloria Naylor; *Joe Turner's Come and Gone* [1988], de August Wilson) e que tematizam espiritualidades de matriz africana como o conjuramento e o vodu.

Assim, na esteira dessas intervenções críticas, este ensaio mantém que, de fato, Chesnutt apresenta um retrato dos conjuradores e conjuramentos como mais que práticas

[8] "moral guidance, cultural growth, and effective instrumental power against oppression during slavery."
[9] "African-derived conjure discourse, not Christianity, "usable" as the medium for critique of the institution's injustice […] and racial injustice in the dark post-Reconstruction period."
[10] "Conjure was one means by which blacks could deal with the injustices of the ruling class."
[11] "The portrayals of Chesnutt's text offer a culturally specific perspective of the conjurer as folk hero that moves beyond the surface level characterizations of buffoonish, inept charlatans and superstitious quacks."

supersticiosas, tolas e sem fundamento. Ele os retrata como atores exercendo um papel sociopolítico significativo no combate à opressão e segregação social em suas comunidades. No entanto, percebe-se também que, por trás destas intervenções sobrenaturais, surge uma agenda adicional e de significância sociopolítica igualmente importante. Meu argumento é que as intervenções por parte dos conjuradores em *The Conjure Woman* cumprem uma dupla função: por um lado, constituem-se em rituais de regeneração que objetivam impedir a reificação e comodificação do sujeito negro diante de um aparato ideológico e mercantilista que almejava aniquilá-los; por outro, desconstroem noções essencialistas de cultura e identidade ao prover uma visão mais holística, pluralista e diversificada das subjetividades negras nos Estados Unidos.

1 CONJURAMENTO, SUBVERSÃO E RESISTÊNCIA EM *THE CONJURE WOMAN*

Embora muitas variantes estejam presentes na constituição da identidade, um elemento destacado por críticos culturais é a relação entre a formação identitária e a alteridade. Conforme argumenta Julian Wolfreys, toda vez que alguém emite a enunciação "Eu", uma identidade está presente, identidade esta que se constitui através de um "complexo emaranhado de histórias pessoais e impessoais, textos, discursos, crenças, postulados culturais e interpelações ideológicas" (2004, p. 95).[12] Isto é, a identidade se constitui e se molda no coletivo, num movimento dialógico entre o sujeito e diversos fatores sociais tais como cultura, religião, gênero, família e instituições políticas. Stuart Hall faz uma importante complementação a esta visão dialógica da identidade ao sugerir que estas, por estarem situadas no "jogo contínuo da história, cultura e poder", não são construções fixas, mas se constituem por meio de posicionamentos tomados diante destas narrativas. Desta forma, afirma o crítico, identidades estão em constante reformulação, numa relação dinâmica não só com os discursos do presente, mas também com os do passado com os quais interagem (1996, p. 225).[13] O papel do contexto sociocultural é vital neste processo construtivo. Avtar Brah reitera que identidade "é simultaneamente subjetiva e social, e, portanto, constituída na e através da cultura". Na verdade, afirma a autora, "cultura e identidade são conceitos

[12] "…a complex gathering of personal and impersonal histories, texts, discourses, beliefs, cultural assumptions and ideological interpellations."
[13] "...continuous 'play' of history, culture and power."

inextricavelmente ligados" (1996, p. 21).[14] Como se pode observar, a constituição da identidade é complexa e envolve uma gama de elementos, entre eles, os relacionamentos que o indivíduo estabelece com o meio cultural e as estruturas de poder que o rodeiam. Não existe uma identidade *a priori*, criada à parte do contexto sociocultural, a-histórica, assim como não é possível conceber uma identidade fixa, estagnada no continuum histórico. Por se constituir dentro de uma cadeia de signos culturais sempre em movimento, a identidade deve ser vista, portanto, não como "um fato já realizado", mas sim como "produção, o qual nunca é completo, está sempre em processo, e sempre constituído dentro, não fora, da representação" (HALL, 1993, p. 222).[15] Portanto, o que Hall e demais críticos culturais criticam é a tendência, de origem Iluminista, de se essencializar a identidade e concebê-la como uma entidade fixa, pré-determinada, capaz de existir isolada dos processos culturais que permeiam as relações humanas.

No caso da diáspora africana, a migração involuntária ao Novo Mundo trouxe uma série de consequências sociais, entre elas a desestabilização de importantes processos constitutivos da subjetividade. No Novo Mundo, os negros se depararam com um sistema que lhes impunha novas doutrinas religiosas, mudava seus hábitos alimentares e interferia em seus símbolos culturais. Conforme observa Bell Hooks, "crucial no preparo do povo africano para o mercado escravo era a destruição da dignidade humana, a remoção de nomes e status, a dispersão de grupos para que não houvesse língua comum, e o apagamento de qualquer sinal visível de herança africana" (1981, p. 19).[16] O importante neste processo era domesticar o africano para que quando aportasse na colônia fosse visto como um ser dócil e de fácil convivência, características que certamente aumentariam o valor de mercado. Este processo de transformação e desumanização do africano envolvia também outras práticas igualmente perniciosas, cujo objetivo era demonstrar que não mais tinham o controle sobre seus corpos e destinos. No caso das mulheres, além de serem exploradas nas plantações, eram ainda vistas como símbolos de luxúria e prazer, fato que consequentemente levava ao constante assédio por parte de seus senhores. A mulher negra não possuía valor em si; servia ou para a reprodução (com o propósito de aumentar a mão de obra escrava), para o trabalho doméstico

[14] "…is simultaneously subjective and social, and constitute in and through culture. Indeed, culture and identity are inextricably linked concepts."
[15] "...an already accomplished fact"; "...a production, which is never complete, always in process, and constituted within, not outside, representation."
[16] "Crucial in the preparation of African people for the slave market was the destruction of human dignity, the removal of names and status, the dispersement of groups so that there would exist no common language, and the removal of any over sign of an African heritage."

ou no campo, ou para a satisfação dos prazeres de seus donos (HOOKS, 1981, p. 22). Zora Neal Hurston capta muito bem esta e outras realidades da mulher negra no romance *Their eyes were watching God*, através das observações da personagem Nanny: "Querida, o homem branco é que governa tudo até onde posso ver. Talvez seja em algum lugar bem distante pra lá do oceano onde o homem negro está no controle, mas não sabemos nada além daquilo que vemos. [...] A negra é a mula do mundo no meu entendimento" (1990, p. 14).[17] Hurston representa a vulnerabilidade das escravas diante da instituição escravocrata, a qual detinha o poder para decidir seus destinos com o total aval do Estado.

Os homens negros, por sua vez, sentiam-se emasculados por não se verem capazes de defender suas famílias e prover-lhes a segurança emocional e econômica necessária à sobrevivência. Descobriam logo cedo que as virtudes clássicas tão louvadas pela cultura norte-americana como "economia, perseverança e trabalho árduo não lhes davam os mesmos benefícios tangíveis recebidos pelos brancos" (MAJORS, 1992, p. 1).[18] Isto é, mesmo que cumprissem jornadas de trabalho longas e cultivassem os mesmos preceitos morais, seu status de escravo e destituído permanecia intacto, sem a menor possibilidade de mobilidade social. Além disso, percebiam que eram igualmente vistos como uma ameaça ao segmento feminino da cultura branca. Se a mulher negra era constantemente tida como uma ameaça à sociedade por seu suposto poder de sedução, o homem negro era visto como o estuprador sempre à espreita de uma vítima. Desta forma, reitera Hooks, "a história do corpo negro masculino começa nos Estados Unidos com projeções, com imposições sobre este corpo de fantasias sexuais pornográficas sexistas e racistas," fantasias estas que culminavam com a "ideia do estuprador negro" (2004, 57).[19] A obsessão e o medo da sexualidade masculina negra deram origem a uma série de estereótipos que colocavam o negro na categoria de brutos incapazes de controlar seus instintos sexuais e que, portanto, deveriam ser mantidos sob constante vigilância.

Os contos de Chesnutt em *The Conjure Woman* tematizam, nas relações entre conjuradores e clientes, estes conflitos identitários oriundos da segregação, preconceito e fragmentação de culturas nativas. Em "Mars Jeems's Nightmare", por exemplo, Chesnutt ilustra esse movimento de luta da comunidade negra pela preservação identitária na narrativa

[17] "Honey, de white man is de ruler of everything as fur as Ah been able tuh find out. Maybe it's some place way off in de ocean where de black man is in power, but we don't know nothin' but what we see. […] De nigger woman is de mule uh de world so fur as Ah can see."
[18] "thrift, perseverance, and hard work did not give them the same tangible rewards that accrued to whites."
[19] "The history of the black male body begins in the United States with projections, with the imposition onto that body of white racist sexist pornographic sexual fantasies"; "…the idea of the black male rapist."

acerca do escravo Solomon, que procurou a ajuda de Tia Maggie para conjurar o senhor McLean, seu dono, o qual não permitia que seus escravos mantivessem relacionamentos amorosos, bem como qualquer tipo de atividade lúdica. O texto retrata como os escravos "não podiam cantar, nem dançar, nem tocar o banjo quando o senhor Jeems estava por perto" (CHESNUTT, 1899, p. 71).[20] Além disso, "ele não permitia que seus escravos se casassem – dizia que seu trabalho não era cultivar negros e sim algodão" (CHESNUTT, 1899, p. 72).[21] Aqui Chesnutt retrata os mecanismos utilizados pelos senhores para controlar e transformar negros em mera propriedade. A afirmação de que a fazenda tinha como objetivo cultivar algodão e não negros enfatiza a reificação do escravo, sua transformação em mera ferramenta de trabalho. Além disso, o fato de serem impedidos de se casarem e manterem laços familiares reforçava ainda mais esta ideologia. O texto fala que "sempre que um dos rapazes ou moças começava a se engraçar um com outro, ele vendia um ou o outro, ou então mandava um deles para sua outra fazenda no condado de Robson, de forma que não poderiam mais se ver" (CHESNUTT, 1899, 72).[22] Solomon, em rebeldia às imposições de McLean, resolve manter um relacionamento afetivo com outra escrava, comportamento que leva seu dono as lhe dar quarenta chibatadas, além de enviar a moça para outra fazenda.

É neste momento na narrativa que Chesnutt introduz a figura da conjuradora. Sentindo-se injustiçado, Solomon resolve procurar a ajuda de uma ex-escrava com fama de saber manipular ervas, raízes e outros instrumentos de invocação de forças sobrenaturais. Segundo a narrativa, após administrar a McLean uma mistura de ervas e raízes feita pela conjuradora, este teve um sonho no qual sofreu pessoalmente o que os escravos sofriam. Conta o relato que McLean foi transformado num escravo e veio trabalhar sob as ordens do mesmo feitor que contratara para supervisionar seus negros. Na posição de escravo, foi chicoteado e humilhado várias vezes, apesar de ter tentado se defender. Após a experiência dolorosa como escravo, que para ele não passou de um pesadelo, sua visão em relação ao feitor e o modo como os escravos eram tratados mudou radicalmente: "o trabalho de Tia Peggy fez dele um homem completamente diferente (CHESNUTT, 1899, p. 98).[23] A partir de então, ele passou a permitir que seus escravos dançassem e tocassem seus instrumentos, trabalhassem menos horas e, mais importante, que se casassem entre si.

[20] "wa'n't 'lowed ter sing, ner dance, ner play the banjo w'em Mars Jeems wus roun' de place".
[21] "he wouldn' let his han's git married, - said he wuz n' raisin' niggers, but wuz raisin' cotton".
[22] "w'eneber any er de boys en gals 'ud 'mence ter git sweet on one ernudder, he'd sell one er de yuther un 'em, er sen' 'em way down in Robeson County ter his yuther plantation, whar dey couldn' nebber see one ernudder".
[23] "Aun' Peggy's goopher had made a noo man um 'im enti'ely".

Apesar do tom um tanto didático (o bem vence o mal em um final onde tudo se encaixa perfeitamente), nesta narrativa Chesnutt retrata um importante papel desempenhado pelos conjuradores nas comunidades negras: resgatar indivíduos ameaçados de aniquilamento histórico não só por não terem controle sobre seus corpos, mas também por não poderem constituir família e manterem laços comunais. Ao impedir que seus escravos mantivessem laços afetivos com potencial de gerar prole, McLean busca apagar da psique negra não só pretensões de vida em comunidade, como também a capacidade de transmissão de valores e tradições culturais importantes na constituição da identidade de um indivíduo. Se o sujeito, como afirma Wolfreys, é fruto "de valores e crenças que um indivíduo possui", ao tentar privar Solomon e os outros escravos da oportunidade de socialização e procriação, McLean busca impedir que importantes códigos culturais e crenças coletivas se mantenham inscritas e vivas no imaginário negro.

Assim, o ato de Solomon em procurar os serviços da conjuradora se constitui uma luta para impedir que sua subjetividade, e a da comunidade à qual pertence, seja nulificada ao ser transformado em pura moeda de troca. John W. Roberts salienta que os conjuradores eram respeitados principalmente porque "seus comportamentos e atributos espirituais refletiam valores vistos [pelos escravos] como os mais vantajosos para suas sobrevivências e bem estar, em uma estrutura social rígida na qual o bem comum tinha precedência sobre a necessidade individual" (CHESNUTT, 1989, p. 95).[24] Isto é, em um sistema que essencializava os negros tratando-os como um grupo monolítico cujo destino se restringia ao cativeiro, os conjuradores se constituíam uma saída bastante vantajosa, pois ofereciam soluções que colocavam a individualidade do sujeito negro acima dos preceitos estipulados por donos e feitores. Em "Mas Jeems's Nightmare", no embate entre Solomon e seu dono, Chesnutt justapõe duas práticas opostas – conjuramento e cristianismo – e sublinha a primeira como a saída por resgatar as especificidades e necessidades individuais da população negra. O que impera na economia do conjuramento é inversão de códigos e práticas que resultam na reificação da subjetividade negra. Com isto, o conjurador deixa de ser apenas uma figura excêntrica e passa a desempenhar um papel crucial nos processos culturais e identitários das comunidades afrodescendentes.

Além de retratar o conjurador como um elemento importante em um sistema que destituía os negros de agenciamento, Chesnutt também busca, através da narração de outros

[24] "…their spiritual attributes and behaviors reflected values that they accepted as the most advantageous to their survival and well-being in a rigid hierarchical social structure in which communal welfare had precedence over individual need".

episódios envolvendo conjuradores, mostrar uma visão mais abrangente da experiência negra nas Américas. Isto é, ele também procura, por meio da representação das relações entre conjuradores, escravos e senhores, desfazer estereótipos que normalmente retratavam a comunidade negra como um bloco monogênico, sem distinção cultural, linguística e religiosa. Paul Gilroy observa, em uma denúncia clara a esta visão reducionista do colonizador europeu, que a diáspora negra nas Américas foi, acima de tudo, um fenômeno de natureza fractal e rizomórfica, isto é, palco de encontros entre culturas e línguas diversas que passaram a ser suprimidas como tentativa de domesticar o negro escravo. Assim, se por um lado o poder colonial caracterizava o negro como o Outro, com base em dicotomias simplistas do tipo civilização versus barbárie, por outro possibilitou a justaposição de origens culturais variadas que transformariam tanto a psique negra quanto a euro-americana (2001, p. 38).

The Conjure Woman ilustra muito bem esta observação de Gilroy ao protagonizar os valores espirituais e místicos ligados à tradição africana e ao mostrar, por meio desta estratégia literária, a estreiteza do pensamento colonial em relação à cultura afrodescendente. Conforme reitera Heather Tirado Gilligan, em *The Conjure Woman* Chesnutt "desafia a epistemologia do racismo em seus próprios termos", isto é, o autor "inverte o universo ficcional rural que projetava um sujeito negro conhecível" e privilegia, desta forma, a complexidade epistemológica e sociocultural da experiência diaspórica negra nas Américas (2007, p. 211).[25] Esta inversão da ficção rural aludida por Gilligam refere-se a enredos melodramáticos e sentimentais publicados por autores brancos, os quais normalmente retratavam os negros de forma condescendente, felizes por estarem sob os cuidados de seus donos, projetados em forma de figura paternal. A agenda política dessas narrativas pró-escravidão visava zombar dos esforços do movimento reconstrutivista pós-guerra civil, o qual buscava inserir o negro no novo contexto sociocultural (GILLIGAN, 2007, p. 197).[26] O propósito era mostrar que o negro para nada servia além de trabalhar na condição de servo. Em suma, além de denunciar as estratégias mercantilistas e desumanas do sistema escravocrata, Chesnutt também busca romper com formas preconceituosas de representação dos negros, as quais não respeitavam as individualidades e complexidades culturais da comunidade afrodescendente.

[25] "...challenge the epistemology of racism in its own terms"; "…invert the function of plantation's fiction's invention of the knowable subject…."

[26] Estas narrativas de ficção surgiram como resposta ao romance de Harriet B. Stowe, *A Cabana do Pai Tomás* (*Uncle Tom's Cabin*), publicado em 1852, o qual denunciava veementemente os malefícios da escravidão. As narrativas "anti-Tom" consideradas mais populares foram *The Sword and the Distaff*, de William G. Simms (1852), e *The Planter's Northen Bride*, de Caroline N. Hentz (1854).

O conto "Sis' Becky's Pickaninny" ilustra de forma interessante esta tentativa de Chesnutt em validar uma visão de mundo diferente, porém não menos impactante no *ethos* de uma comunidade. A narrativa começa com os protagonistas, John e sua esposa Annie, do norte dos Estados Unidos, abordando questões a respeito de crenças. John, especialmente, chama a atenção de Julius, o narrador, ao dizer que a causa principal do retrocesso cultural do povo negro está na fé que colocam em superstições tolas: "seu povo nunca crescerá no mundo até que abandonem estas superstições infantis e aprendam a viver pela luz da razão e do bom senso" (CHESNUTT, 1899, p. 27).[27] Percebe-se nesta colocação a visão iluminista diminuindo o valor das crenças populares e favorecendo uma visão ocidental baseada na lógica e na razão. No entanto, o ceticismo do protagonista John não impede Julius de narrar sua história acerca do menino Moises, o qual teve sua mãe trocada por um cavalo. Seu dono, o senhor Pen'leton, muito chegado a corridas, decide adquirir um cavalo com fama de vencedor, e como não possui a quantia pedida, aceita trocar Becky, uma de suas escravas, pelo animal. A troca é feita furtivamente, sem o total conhecimento de Becky, que quando percebe já está nas mãos de seu novo dono. Mesmo implorando por misericórdia, o vendedor não desiste do negócio e Becky se vê obrigada a ficar longe de seu filho. É neste contexto que a conjuradora é acionada para intervir na separação entre mãe e filho. Por meio de várias intervenções sobrenaturais, a conjuradora consegue estabelecer contato entre os dois, mesmo distante, e no final trazer Becky de volta ao seu dono original. Becky termina seus dias ao lado do filho, o qual no final acaba comprando a liberdade de sua mãe e a sua também.

Aqui, Chesnutt retoma a questão da separação familiar, tema comum a muitas outras narrativas em *The Conjure Woman*, inclusive nas analisadas anteriormente. O conto também introduz outro componente interessante: o suposto poder de amuletos. No texto, o narrador Julius questiona o ceticismo de John ao defender o poder que uma pata de coelho, que ele sempre carrega consigo, pode trazer à pessoa que a guarda e acredita em seu poder de proteção. No entanto, em "Sis' Becky's Pickaninny" o que se destaca é uma valorização acentuada de elementos da cultura africana, numa tentativa aparente de privilegiar uma epistemologia alternativa à vigente. Elizabeth J. West, ao discutir as representações de matriz africana na literatura de Chesnutt, comenta que em suas narrativas o autor "capta as crenças supernaturais, metafísicas e culturais dos negros", especialmente os conceitos de "natureza,

[27] "Your people will never rise in the world until they trow off these childish superstitions and learn to live by the light of reason and common sense".

humanidade e Deus" típicos da visão de mundo da África continental (2010, p. 35).[28] No que se refere a visões de mundo próprias à cosmologia africana, é importante salientar que as distinções normalmente feitas entre o natural e o sobrenatural, razão e fé, sagrado e profano, com gênese no racionalismo ocidental e cristianismo judaico-cristão, não existiam. Yvonne Chireau reitera que as sociedades africanas das quais provinham os negros "estavam organizadas ao redor da crença em uma realidade totalmente sagrada, a qual se manifestava tanto através do universo dos sentidos, habitados pelos seres humanos, quanto por meio do invisível, habitado por espíritos, ancestrais, e os mortos" (1997, p. 227).[29] Assim, há uma relação simbiótica entre o mundo dos vivos e dos mortos, entre elementos da natureza e o domínio dos seres humanos, afinidade esta traduzida na crença de que o supernatural não só se relaciona, mas também "exerce poder sobre os humanos, normalmente guiando indivíduos em direção a um fracasso ou vitória" (WEST, 2010, p. 32).[30]

Os mecanismos utilizados pela conjuradora Peggy em "Sis' Becky's Pickaninny" ilustram este aspecto harmonioso entre a natureza, espíritos e seres humanos presentes na religiosidade africana. Nos dilemas que Becky enfrenta, a conjuradora se mostra conhecedora dos mistérios da natureza e do mundo dos espíritos quando transforma Moises primeiramente em um beija-flor, permitindo assim que ele voe até a fazenda e encontre sua mãe: "Irmã Becky ouviu algo soando ao seu redor, doce e suave. Primeiro pensou que fosse apenas um beija-flor, mas logo percebe que o som do pássaro se parece com o do seu pequeno Moisés sussurrando em seu peito lá na fazenda de onde veio. Foi então que imaginou ser seu pequeno Moisés, o que a fez se sentir melhor..." (CHESNUTT, 1899, p. 147).[31] Após este episódio, tanto Moisés quanto Becky se sentem consolados. Após uma semana, o menino pede novamente pela mãe e desta vez Peggy o transforma em um "mocking bird"[32]. Mãe e filho são mais uma vez aproximados através desta metamorfose: "O 'mocking bird' permaneceu perto dela quase o dia todo, e quando em um momento saiu para o quintal, o pássaro pousou sobre seu ombro e beliscou o pão que estava comendo, e roçava suas asas no

[28] "...captures the supernatural, metaphysical, and cultural beliefs of blacks…"; "…nature, humankind and God…".
[29] "...were organized around belief in a wholly sacred reality, which was manifested both by the material realm of the senses, inhabited by human beings, and by the realm of the unseen, inhabited by spirits, ancestors, and the dead".
[30] "…to exert power over humans, oftentimes steering individuals on the course either to great failure or great achievement".
[31] "Sis' Becky heared sump'n hummin' roun'en roun'her, sweet en low. Fus't she 'lowed it wuz a hummin'-bird; den she thought it sounded lack her little Mose croonin' on her bres' way back yander on de plantation. En she des 'magine' it wuz her little Mose, en it made her feel bettah…".
[32] "Mocking bird: pássaro canoro norte-americano que não tem canto próprio. Seu canto consiste em sempre imitar o canto de outros pássaros".

lado de sua cabeça" (CHESNUTT, 1899, p. 149).[33] Mais tarde, a conjuradora, para acabar de vez com a separação entre mãe e filho, utiliza seus conhecimentos para desfazer a troca e permitir que Becky retorne à fazenda de onde saiu. Primeiramente, ela ordena um vespão que vá até a fazenda e inutilize o cavalo mordendo seus joelhos. Ao mesmo tempo, ela envia uma andorinha com um pacote cheio de apetrechos conjurados à fazenda onde Becky se encontra, com o propósito de induzi-la a pensar que está conjurada. Como previsto, ela adoece e fica incapacitada de fazer suas tarefas. Por mais que seu senhor tente convencê-la de que tudo não passa de superstição infundada, Becky torna-se inútil para o trabalho. Como tanto o cavalo quanto Becky acabam não produzindo os resultados esperados, a troca é desfeita e mãe e filho voltam a ficar juntos. Mais uma vez, o desfecho do conto destaca a estratégia de Chesnutt de ressaltar não só a harmonia e cumplicidade entre seres humanos e natureza, o visível e o invisível, perspectivas típicas da espiritualidade africana, como também a possibilidade de estes serem convocados a intervir em assuntos do dia-a-dia da comunidade. Através dos conhecimentos sobrenaturais da conjuradora, a harmonia quebrada em razão da avidez e visão opressora do colonizador é restabelecida na comunidade.

No que tange ao universo dos conjuradores, outro ponto a ser observado é que a relação entre estes e a comunidade negra não se limitava apenas a defender a causa de uma comunidade oprimida. Em muitos casos, os conjuradores eram procurados para resolver disputas corriqueiras que iam de relações amorosas, problemas conjugais e objetos perdidos a antipatias pessoais. Raboteau reitera que "as razões pelas quais os escravos buscavam a ajuda dos conjuradores não eram sempre das mais sérias. Assuntos do coração, por exemplo, supriam os conjuradores com uma boa quantidade de clientes" (2004, p. 279).[34] Para que os objetivos fossem alcançados, os clientes precisavam primeiramente ter fé, e então trazer os objetos necessários para que o conjuramento fosse realizado, juntamente com o pagamento, que muitas vezes poderia ser em dinheiro ou mercadoria de troca. Maços de cabelo, peças de roupa ou qualquer outro objeto pessoal serviam de porta de entrada para o conjuramento de um indivíduo (RABOTEAU, 2004, p. 280). Raboteau destaca também a existência de conjuradores cujos conhecimentos eram procurados para beneficiar ou prejudicar alguém, isto é, existia aquilo que ele denomina de "potencial duplo" do conjuramento, característica esta explorada dependendo da circunstância, necessidade e desejo da clientela. Assim, o

[33] "De mawkin'-bird stayed roun' dere 'most' all day, en w'en Sis' Becky went out in de ya'd one time, dis yer mawkin'-bird lit on her shoulder en peck' at de piece er bread she wuz eatin', en fluttered his wings so dey rub' up agin de side er her head".

[34] "The reasons for which the slaves sought the conjurer's assistance were not all so deadly serious. Affairs of the heart, for example, supplied the conjurer with a great deal of business".

conjuramento era utilizado também para descobrir a causa de moléstias e infortúnios atribuídos a conjuramentos "maléficos" e para reverter o processo "através de uma combinação de mágicas e remédios" (2004, p. 33).[35] Vale lembrar que a dicotomia bem versus mal, própria do pensamento judaico-cristão, nem sempre é adequada para explicar a cosmologia e religiosidade africana. Como bem apontado por Smith, o "conjuramento ofensivo pode ser bom assim como o conjuramento defensivo, e ambos podem ser malignos" (1994, p. 43).[36] Em suma, rituais, magias e conjuramentos se constituíam práticas dinâmicas que buscavam não apenas satisfazer os anseios de liberdade, politicamente falando, de uma comunidade destituída de poder, mas também oferecer soluções a uma gama variada de problemas do dia a dia.

Chesnutt explora este dinamismo e amplitude das práticas conjuramentais em "The goophered grapevine", texto que abre a coletânea de *The Conjure Woman*. Aqui, o autor retrata outras facetas dos rituais de conjuramento ao mostrar os conjuradores como indivíduos cujas práticas, como assinalado anteriormente, se situavam muitas vezes numa área cinzenta, isto é, não se encaixam facilmente dentro da dicotomia benéfico versus maléfico. Além do mais, mostra que os mesmos muitas vezes trabalhavam em prol ou contra membros da própria comunidade, dependendo da necessidade do cliente e do tipo de pagamento ofertado. Como bem aponta Elizabeth Hewitt, o retrato da conjuradora Peggy em "The Goophered Grapevine", "longe de ser inocente quanto à economia da escravidão ou capitalismo, revela-a como uma agente de mercado perspicaz" (2009, p. 949).[37] Neste conto, a conjuradora é acionada para resolver um problema que se passa no vinhedo do próspero dono de escravo chamado Dugal McAdoo. O tipo de uvas cultivado por ele é bastante rentável, porém o problema é que os negros, não só os seus como também os de outras fazendas, estavam diminuindo seus lucros ao usar a calada da noite para roubá-las. Ao ouvir da fama e do medo entre os escravos da conjuradora conhecida como tia Peggy, ele resolve contratá-la. Segundo o narrador, "um dia durante a primavera, a cozinheira preparou uma cesta com galinha, bolo e uma garrafa de vinho, e o senhor Douglass pegou sua charrete e se dirigiu até a cabana de tia Peggy" (CHESNUTT, 1899, p. 15).[38] O vinhedo é assim conjurado e a notícia logo se espalha que "ele pagou a tia Peggy dez dólares para que conjurasse o vinhedo" (CHESNUTT, 1899,

[35] "…by means of a combination of magic and medicines…".
[36] "That is to say, offensive conjure can be good as well as defensive conjure, and either can be malign".
[37] "…far from depicting her as innocent of the economics of either slavery or capitalism, reveals her as a shrewd market player".
[38] "One Day in de spring er de year, ole miss pack' up a basket er chick'n en poun'-cake, en a bottle er scuppermon' wine, en Mars Dugal' tuk it in his buggy en driv ober ter Aun' Peggy's cabin".

p. 18)[39]. A própria conjuradora se encarregou de dizer que quem comesse as uvas morreria em doze meses. Dugal McAdoo comemorou o fato, pois a partir deste dia nenhum negro mais se atreveu a provar as uvas de seu vinhedo.

Porém, a trama toma um rumo diferente quando a conjuradora é procurada para reverter o conjuramento devido ao fato de um escravo recém-chegado, Henry, ter inadvertidamente provado as uvas. A fim de reverter o conjuramento, Peggy primeiramente lhe oferece um remédio e depois pede que ele unja sua cabeça com a seiva do parreiral durante a poda da primavera. Afirma que se ele fizer isto todo ano, ficará imune das consequências do conjuramento. É a partir deste momento que a narrativa toma um rumo inusitado. Assim que o vinhedo começou a brotar e folhas novas surgiram, Henry, que era calvo, começa a ganhar cabelos na forma de cachos semelhante aos do vinhedo. Além disso, Henry, que já era de idade um pouco avançada, começou, para a surpresa de todos, a rejuvenescer: "mas naquele verão ele ficou tão ágil e vigoroso como qualquer jovem negro da fazenda" (CHESNUTT, 1899, p. 23).[40] No entanto, com a colheita das uvas e a chegada do outono, seus cabelos começam a cair como as folhas, além de perder a juventude que ganhara na primavera e no verão. Este processo de rejuvenescimento e envelhecimento continua até que Dugal McAdoo, após tirar proveito monetário destas mudanças sazonais do escravo e numa tentativa de aumentar ainda mais seus lucros, contrata um especialista para tratar de seus parreirais. O tratamento acaba matando as raízes e destruindo a maior parte do vinhedo. Com o definhamento do parreiral, diz o narrador, "Henry envelheceu de novo, e não servia para mais nada; foi definhando, definhando, e finalmente se recolheu a sua cabana; e quanto a grande videira de onde tinha tirado a seiva amarelou e morreu, Henry morreu também" (CHESNUTT, 1899, p. 31).[41] O conjuramento acaba beneficiando McAdoo, pelo menos por um tempo, em detrimento dos negros, que acabaram perdendo o acesso à vinha.

Neste conto, Chesnutt procura ir além de retratos idílicos da cultura afrodescendente ao dramatizar as ambiguidades muitas vezes presentes nos relacionamentos entre conjuradores e as comunidades nas quais estavam inseridos. O conto mostra que os serviços de Peggy ora beneficiam Dugal McAdoo, o dono do parreiral, ora o escravo Henry, que inadvertidamente come das uvas. Vale ressaltar aqui o lado capitalista de Peggy, que atende

[39] "So I 'low ez he paid Aun' Peggy ten dollars fer to goopher de grapevines".
[40] "But dat summer he got des ez spry en libely ez any young nigger on de plantation".
[41] "Henry'd git ole ag'in, em des kep' gittin' mo'en mo' fitten fer nuffin; he des pined away, en pined away, en fine'ly tuk ter his cabin; en when de big vine whar he got de sap ter 'n'int his head withered en turned yaller en died, Hery died too".

aos pedidos do escravocrata sem levar em consideração o fato de estar tirando os benefícios de membros da sua própria comunidade: "quando a estação acabou naquele ano, o senhor Dugal descobriu que tinha feito mil e quinhentos galões de vinho; e um dos escravos o viu morrendo de rir com o feitor, e dizendo que os mil e quinhentos galões eram ótimos juros em cima dos dez dólares que tinha pagado pela vinha" (CHESNUTT, 1899, p. 18).[42] McAdoo se refere ao conjuramento como um investimento e aos resultados positivos como juros, já que a quantia investida foi irrisória em comparação aos lucros. A ajuda de Peggy para reverter o conjuramento está também condicionada à generosidade ou não da forma de pagamento. O texto ressalta que por Henry ter lhe levado um bom pedaço de presunto, "ela ajeitou para que ele pudesse comer todas as uvas que quisesse" contanto que todo ano ungisse sua cabeça com a seiva (CHESNUTT, 1899, p. 21).[43] Chesnutt retrata tia Peggy, desta forma, como um indivíduo cujas motivações são às vezes dúbias, numa conjuntura onde o mais beneficiado, apesar dos transtornos, acaba sendo McAdoo, o qual explora o trabalho escravo sem mostrar consideração por sua mão de obra escrava.

CONCLUSÃO

Em *The conjure woman* Chesnutt busca demonstrar como os conjuradores, longe de serem simplesmente figuras exóticas atuando à margem da sociedade escravocrata, constituíam-se, na verdade, importantes agentes dentro de um sistema que percebia o negro como sub-humano, muitas vezes perigoso e útil apenas ao trabalho forçado. No retrato das relações entre conjuradores e clientes, Chesnutt busca resgatar o papel regenerativo dos rituais de conjuramento, qual seja, a capacidade dos mesmos de impedir que o sistema colonizador destituísse os sujeitos negros de seus laços comunais e espirituais, e no processo os transformasse em indivíduos desprovidos de agenciamento. Esta característica é percebida em "Mas Jeem's Nightmare", o qual protagoniza sujeitos lutando para preservar vínculos familiares e de parentesco. Henry Louis Gates Jr. observa que os africanos, apesar da violência com que foram abstraídos de suas civilizações, "carregaram consigo para o hemisfério ocidental aspectos significativos de sua cultura, os quais não puderam ser obliterados, e que eles escolheram, por um ato de resistência, não esquecer: sua música..., seus

[42] "W'em de scuppernon' season uz ober fer dat year, Mars Dugal' foun' he had made fifteen hund'ed gallon er wine; en one er de niggers hern him laffin wid de overseah fit ter kill, en saying dem fifteen hund'ed gallon er wine wuz monst'us intrus' on de ten dollars he laid out on de vimyar'd".
[43] "En bein'ez he fotch her de ham, she fix' it so he kin eat all de scuppermon' he want".

mitos, suas estruturas institucionais expressivas, seu sistema metafísico de ordem, e suas performances" (1988, p. 3).[44] O conjuramento, como ilustrado nos contos analisados, constitui-se um destes atos de resistência, pois apesar de combatido e execrado pela religião oficial, permaneceu como uma força viva operando paralelamente a tradições religiosas que insistiam em aviltar e demonizar culturas de matriz africana.

"The Goophered grapevine" e "Sis' Becky's pickaninny", por outro lado, dão espaço para a exposição das nuances e complexidades da diáspora africana nos Estados Unidos, retratados aqui no papel muitas vezes ambíguo do conjurador ou conjuradora, bem como na riqueza das teodiceias de matriz africana. Com isso, Chesnutt problematiza dicotomias simplistas que ao longo da história sempre privilegiaram a cultura ocidental em detrimento a outros modelos cosmológicos. Roland Walter, ao falar sobre a literatura de afrodescendentes acrescenta que é neste "espaço mnemônico que os autores negros recriam os mitos necessários para se enraizar como sujeitos autóctones"; é uma forma de "reconstruir sua identidade" e "em última análise, resistir a uma *violência epistêmica*" que ainda paira sobre as comunidades negras (2009, p. 63). *The Conjure Woman* figura como um destes recursos mnemônicos que objetivam manter vivo no imaginário da comunidade negra códigos culturais, tradições e práticas de matriz africana em via de serem obliteradas pelo sistema colonizador. O conjuramento serve de recurso, portanto, não só em momentos nos quais a comunidade se sentia ameaçada fisicamente, mas também quando seus modelos religiosos, epistemológicos e identitários eram confrontados. Assim, ao trazer para o âmbito da ficção aspectos da cultura e tradição de origens africanas, Chesnutt dá um importante passo no sentido de romper com estereótipos preconceituosos e mostrar o valor de uma visão de mundo alternativa. O que ser percebe não é uma tentativa de reverter os pesos da equação sobrevalorizando ou essencializando cosmologias negras. O autor parece querer mostrar que uma determinada visão de mundo não necessariamente exclui a outra. Ambas têm seu valor e importância dependendo do contexto e dos indivíduos que a buscam em momentos nos quais a razão e a lógica não respondem satisfatoriamente aos anseios existenciais comuns aos seres humanos, independente de suas etnias e origens culturais.

CHARLES W. CHESNUTT, *THE CONJURE WOMAN* AND AFRO-DESCENDENT POPULAR RELIGION IN THE 19TH CENTURY UNITED STATES

[44] "...carried with them to the Western hemisphere aspects of their cultures that were meaningful, that could not be obliterated, and that they chose, by acts of will, not to forget: their music…, their myths, their expressive institutional structures, their metaphysical systems of order, and their forms of performance".

ABSTRACT: This essay purposes to examine the representation of conjurers and conjuring in the *The Conjure Woman* (1899), a collection of short stories by the African-American writer Charles W. Chesnutt. Through the analysis of three representative narratives – "Mars Jeems's Nightmare", "Sis' Becky's Pickanini" and "The goophered grapevine" –, it argues that the spiritual interventions by conjurers constituted, above all, instances of political and cultural resistance, as they aimed at preventing the reification and historical annihilation of the black subject. The narratives also attempt to counteract reductionist representations of black experience by painting a denser picture of African Americans in the United States. Insights from the field of cultural and literary criticism, as well as religious studies, frame the theoretical basis of the essay. The overall purpose is to discuss Chesnutt's efforts to confront the literary and cultural trends of his time, which insisted on depicting blacks either as subservient or happy with their fate, or as individuals lacking cultural sophistication, intelligence, religiosity and history.

KEYWORDS: Conjuring. Religion. Afrodescendence. U.S.A.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Jeffrey E. *Conjuring in African-American society*. Lousiana: Lousiana State University Press, 2005.

BRAH, Avtar. *Cartographies of diaspora:* contesting identities. New York: Routledge, 1996.

BROOKS, Joanne. *American Lazarus:* religion and the rise of African-American and Native American literatures. New York: Oxford University Press, 2003.

BROWN, David H. Conjure/Doctors: an exploration of a black discourse in America, Antebellum to 1940. *Folklore Forum* vol. 23, n. 1/2, 3-46, 1990.

BRUCE, Dickson D. *The origins of African-American literature:* 1860-1865. Charlottesville: University Press of Virginia, 2001.

CALLAHAN, Allen. D. *The talking book:* African-Americans and the Bible. New Haven: Yale University Press, 2006.

CHESNUTT, Charles.W. *The conjure woman* . Electronic edition, 1899. Chapel Hill: University of North Carolina, 1997. Disponível em: <docsouth.unc.edu/southlit/chesnuttconjure/conjure.html>. Acessado em: 01de março de 2013.

CHIREAU, Yvonne. Religion and American culture. *Conjure and Christianity in the nineteenth century*: religious elements in African American magic. vol. 7, n. 2, 225-246, 1997.

GILLIGAN, Heather T. Reading, race, and Charles Chesnutt's 'Uncle Julius' tales. ELH, vol. 74, n. 1, 195-215, 2007.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro:* modernidade e dupla consciência. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2001.

HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. In: RUTHERFORD, Jonathan. *Identity:* community, culture, difference. London: Lawrence and Wishart, 1993. 222-37.

_____; GAY, Paul Du. (Eds.). *Questions of Cultural Identity.* London: Sage Publications, 1996.

HEWITT, Elizabeth. Charles Chesnutt's capitalist conjuring. *ELH*, v. 76, p. 931-962, 2009.

HOOKS, bell. *We real cool:* black men and masculinity. New York: Routledge, 2004.

_____. *Ain't I a woman?* Black women and feminism. Boston: South End Press, 1981.

HURSTON, Z. N. *Their eyes were watching God*. New York: Harper, 1990.

JR., Henry Louis Gates. *The signifying monkey*: a theory of African-American literary criticism. New York: Oxford University Press, 1988.

LEWIS, R. W. B. *The American Adam:* innocence, tragedy and tradition in the nineteenth century. Chicago: University of Chicago Press, 1955.

MAJORS, Richard and Billson, Janet M. *Cool pose*: the dilemmas of black manhood in America. New York: Touchstone, 1992.

MOSLEY, Albert G. *African philosophy:* selected readings. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1995.

RABOTEAU, Albert J. *Slave religion:* the "invisible institution" in the ante-bellum south. Updated edition. New York: Oxford University Press, 2004.

ROBERTS, John W. *From trickster to badman*: the black folk hero in slavery and freedom. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

SAMUEL, Kameela M. Charles Chesnutt and the Legacy of *The Conjure Woman*. *Studies in Literary Imagination*, v. 43, n. 2, p. 15-30, 2010.

SMITH, Theophus H. *Conjuring culture:* biblical formations of black America. New York: Oxford University Press, 1994.

WALTER, Roland. *Afro-América*: diálogos literários na diáspora negra das Américas. Recife: Edições Bagaço: 2009.

WEST, Elizabeth J. Memory, ancestors, and activism/resistance in Charles Chesnutt's Uncle Julius. *Studies in the literary imagination*, v. 43, n. 2, p. 31-42, 2010.

WOLFREYS, Julian. *Critical keywords in literary and cultural theory*. New York: MacMillan, 2004.